



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

LUÍS EDUARDO DA SILVA SOARES

**O Futebol como Movimento Político: A
Democracia Corinthiana no Contexto da
Redemocratização Brasileira**

GUARABIRA

2024

LUÍS EDUARDO DA SILVA SOARES

**O Futebol como Movimento Político: A
Democracia Corinthiana no Contexto da
Redemocratização Brasileira**

Artigo apresentado à banca examinadora no curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Linha de pesquisa: História e Relações de Poder

Orientador: Prof. Dr. Luiz Mário Dantas Burity

GUARABIRA

2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S676f Soares, Luis Eduardo da Silva.
O Futebol como movimento político [manuscrito] : a democracia corinthiana no contexto da redemocratização Brasileira / Luis Eduardo da Silva Soares. - 2024.
30 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.
"Orientação : Prof. Dr. Luiz Mário Dantas Burity, Departamento de História - CH. "

1. Democracia Corinthiana. 2. História do Futebol. 3. Redemocratização no Brasil. I. Título

21. ed. CDD 981.063

LUÍS EDUARDO DA SILVA SOARES

Democracia Corinthiana: esporte e política durante a
Redemocratização do Brasil

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Luiz Mário Dantas Burity

Prof. Dr. Luiz Mário Dantas Burity (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 Documento assinado digitalmente
VELBIANE LUZIA DA SILVA CHAVES
Data: 01/07/2024 11:52:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ms. Velbiane Luzia da Silva Chaves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dayane N. Sobreira

Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Dedico este trabalho, em forma de gratidão por tudo que há em mim e que são reflexos dela e de sua criação, à pessoa mais incrível e importante do meu mundo, minha pessoa favorita em todo o nosso mundo. O alguém responsável por ter feito de mim quem sou, com suas ótimas e péssimas escolhas, seus erros e acertos mais lindos, seus sacrifícios e não sacrifícios, e todas as formas possíveis de amor demonstradas de diversas maneiras ontem, hoje e amanhã: minha avó, Dona Dezinha.

Agradecimentos

Minha gratidão começa com a minha família, em especial minha avó, Josefa Mariano da Silva, a Dona Dezinha, por demonstrar todo o seu amor por mim de todas as maneiras possíveis desde o meu nascimento: das várias refeições à mesa diariamente, ao incentivo à educação, acordando-me todas as manhãs durante tantos anos com um sorriso no rosto e um puxão no pé; dos cortes em bloquinhos na manga espada colhida no quintal da nossa casa nas manhãs de janeiro durante minha infância, com o “Sítio do Pica-Pau Amarelo” de fundo na TV; dos filmes incríveis que víamos juntos nas madrugadas de quinta, mesmo eu tendo aula na manhã seguinte; das vitaminas de banana com bastante Nescau, religiosamente, antes de dormir; aos abraços matinais nos meus aniversários. Agradeço por ter tanto dela em mim e nas minhas memórias mais importantes, repletas de amor, gratidão e saudades.

Agradeço também à minha mãe, Rita de Cássia da Silva Soares, a mulher mais forte do mundo, por ter aberto mão de uma vida tranquila em sua casa, com sua família e seus amigos, para me proporcionar a melhor vida que ela poderia e por se fazer tão presente, mesmo com mais de 2.350 quilômetros nos separando fisicamente.

Sou grato aos meus tios, Tonhe e Viola, Antônio Vicente da Silva Filho e João Batista da Silva, meus Jesse Katsopolis e Joe Gladstone de “Três é Demais”, por terem sido as melhores referências possíveis em tudo que diz respeito à paternidade, por terem tornado minha vida muito mais feliz em tantos sentidos e por terem me apresentado um dos grandes pilares deste trabalho e uma das nossas maiores paixões: o futebol.

Agradeço também ao meu avô, Antônio Vicente da Silva, por ser o melhor modelo e exemplo possível de pessoa que eu nunca quis e nem quero chegar perto de ser.

Aos meus amigos Arturus Santos, Ayslla Alves, Breno Soares, Eloisa Alves, Emanuel Júnior, Evertton Araújo, Júlia Clara, Macário Glauco, Thamisis Maia e Wictor Camilo, eu agradeço por estarem aqui há tanto tempo e por dividirem comigo o viver de maneira nem tão leve, mas com certeza extremamente divertida. Tenho certeza que, sem vocês, não teria conseguido me formar, muito menos viver. Obrigado por toda lembrança incrível que tenho

com vocês como protagonistas, por todas as risadas que vocês me tiram diariamente e por me amarem do jeitinho que eu sou. Vocês são incríveis.

Albierre Melo, Allicia Marques, Aluísio Filho, André Vinícius, Caio César, Carlos Roberto, Carol Marinho, Eduardo Beltrão, Eduarda Marques, João Neto, Jordelli Marques, Juliana Souza, Kássio Soares, Laís Menezes, Rafaela Santos, Rayssa Lacerda e Victor Albieri, também sou muito grato a vocês, amigos que chegaram um pouquinho depois, mas que parecem estar aqui há muito tempo e ocupam o mesmo lugar no meu coração. A amizade de vocês foi e é de extrema importância para mim e eu fico muito tranquilo quando digo que, sem vocês, eu não seria quem sou e muito menos chegaria aonde estou. Obrigado por tudo, amigos. Sou muito grato por ter encontrado vocês e por, desde então, dividir o viver com cada um de vocês.

Agradeço também aos meus amigos que tornaram o dia a dia na universidade ainda mais feliz, em especial, Laine Rodrigues, Lucas Evangelista, Ray Douglas, Ruth Oliveira e Selton Lima. Eu realmente não sei como seriam meus dias no campus sem vocês estarem lá comigo. Obrigado de verdade. Foi um prazer dividir essa trajetória com vocês. Sou muito grato por toda a ajuda acadêmica, pelo apoio, pelas risadas e por vocês terem cruzado meu caminho.

Agradeço também às minhas amigas Gaby Carrot, Hyasmin Neumann, Letícia Serafim e Maria Alice por terem me apoiado todos os dias desde que eu decidi assistir ao “Vale a Pena Ver de Novo” e comentar o capítulo de “Laços de Família” em um grupo no Facebook. Com certeza eu devo ter ganhado um bingo no céu para merecer conhecer essas pessoas tão incríveis. Amo vocês, meninas. Obrigado por todo o apoio. Minha vida ganhou mais cor depois que conheci vocês. Me sinto muito sortudo por ter vocês aqui e, em meio a tanta gente, ter sido sorteado para conhecer vocês.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Mário Dantas Burity, cuja orientação, paciência e expertise foram fundamentais para a realização deste trabalho. Sua dedicação ao meu desenvolvimento acadêmico e profissional foi inestimável.

À banca examinadora, composta pela Profa. Ms. Velbiane Luzia da Silva Chaves e pela Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira, pelo tempo dedicado, pelas valiosas contribuições e pelas sugestões que enriqueceram ainda mais este trabalho.

Agradeço a todos os professores e funcionários que, de forma direta ou indireta, contribuíram com meu processo de aprendizagem. Cada um, com seu conhecimento e empenho, desempenhou um papel crucial na minha formação.

Por fim, à Universidade Estadual da Paraíba, por proporcionar um ambiente de aprendizado, pesquisa e crescimento pessoal e profissional. É com imensa gratidão que reconheço o impacto positivo que esta instituição teve em minha trajetória.

A todos, meu mais sincero agradecimento.

"Futebol não é apenas um jogo. É uma daquelas coisas na vida que faz você se sentir horrível por um segundo e no outro você sente como se fosse a manhã de Natal. Ele tem a capacidade de transformar homens comuns em heróis e vilões. As pessoas amam esse jogo. Meu pai amava esse jogo. Todos vocês aqui amavam esse jogo, eu tenho certeza disso. Eu conheci um menino, classe trabalhadora, de Richmond, e ele amava tanto futebol que entrava escondido nos jogos porque a família dele não podia pagar pelo ingresso. Um dia ele foi pego e o segurança deu um tapa na cara dele e o derrubou no chão, mas o menino se levantou, sorriu, chutou o segurança no saco e saiu correndo para nunca mais voltar, até vinte e cinco anos depois, quando entrou lá e comprou o clube todo. No primeiro dia como proprietário, ele foi e encontrou o mesmo segurança e deu um aumento salarial para ele sem qualquer explicação. Só porque somos os donos dessas equipes, não quer dizer que elas nos pertençam, e eu não quero fazer parte de algo que poderia destruir um jogo tão bonito. Eu odiaria que crianças e adultos por aí perdessem acesso a essa parte tão linda e apaixonada de si mesmos."

(LASSO, 2023)

Resumo

Em princípios dos anos 1980, o Sport Club Corinthians Paulista experienciou um movimento social que marcou a história do futebol e da política brasileira – a Democracia Corinthiana – em um momento muito singular da vida nacional, o processo de redemocratização. O objetivo desse artigo é discutir o papel político da Democracia Corinthiana durante o processo de redemocratização do Brasil. A partir dos referenciais teóricos de Roberto DaMatta (1982), que entende o fenômeno esportivo não apenas como um reflexo da política, mas como algo que é capaz de gerar suas próprias questões e interferir inclusive na vida política, realizamos uma pesquisa bibliográfica. Percebemos, assim, a importância que esse movimento teve para transformar as relações entre esporte e política, consolidando uma nova forma como o futebol passaria a ser gerenciado e interferindo na condução política do país ao levantar pautas importantes na opinião pública.

Palavras-Chave: Democracia Corinthiana. História do Futebol. Redemocratização no Brasil.

Abstract

In the early 1980s, Sport Club Corinthians Paulista experienced a social movement that marked the history of Brazilian football and politics – the Corinthians Democracy – during a very unique moment in the nation's life, the process of redemocratization. The aim of this article is to discuss the political role of the Corinthians Democracy during Brazil's re-democratization process. Based on the theoretical frameworks of Roberto DaMatta (1982), who understands the sporting phenomenon not only as a reflection of politics but as something capable of generating its own issues and even interfering in political life, we conducted a bibliographic research. We thus realize the importance this movement had in transforming the relationship between sport and politics, consolidating a new way in which football would be managed and interfering in the political direction of the country by raising important issues in public opinion.

Keywords: Corinthians Democracy. Football History. Redemocratization in Brazil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 FUTEBOL, SOCIEDADE E POLÍTICA NOS ANOS DA DITADURA MILITAR.....	14
3 O CORINTHIANS DA CRISE AOS GOLS DE SÓCRATES.....	18
4 BASES, PRINCÍPIOS E APRENDIZADOS DA DEMOCRACIA CORINTHIANA.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

O futebol é muito mais do que um campo, duas traves, uma bola e vinte e dois jogadores. Para quem ama futebol, ele sempre vai ser muito mais do que só um esporte. O futebol é uma das linguagens mais acessíveis e com poder de alcance no Brasil e dá para usar ele para falar sobre muitas coisas, com muita gente. O futebol é anestésico para quem precisa, é poder para quem precisa de poder, pode ser caminho para a união e para a separação, resistência, força. Pode ser tudo isso e, ainda assim, é “só futebol”, e isso é fascinante. Acaba em 90 minutos, caso não haja motivo para uma prorrogação.

Figura 1: Jogadores do Corinthians entram em campo com cartaz em defesa da Democracia



Fonte: Portal Meu Timão

Em meados de 1983, os jogadores do Corinthians, time de futebol de São Paulo, durante o campeonato estadual, entraram em campo com a faixa “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”. Era uma das manifestações de um movimento que ficou conhecido como a Democracia Corinthiana. Indignados com as decisões autoritárias dos diretores dos clubes de futebol, os jogadores passaram a se manifestar publicamente reivindicando o direito a uma gestão democrática e, na sua esteira, da redemocratização do Brasil. A política se

misturava dentro e fora do campo. Sócrates, um dos maiores craques do futebol na época, com sua habilidade com a bola, aproveitou a visibilidade que o esporte de massa lhe oferecia para interferir – junto a seus companheiros de time – no modo como política e esporte então se constituíam.

O objetivo desse texto é discutir o papel político da Democracia Corinthiana durante o processo de redemocratização do Brasil. A Democracia Corinthiana, conforme Mariana Zuaneti Martins e Heloisa Helena Baldy dos Reis (2017), foi um movimento social que surgiu nos campos a partir da ação política e cultural dos jogadores do time, moldado em um contexto histórico e social específico – a Ditadura Militar Brasileira e o processo de Redemocratização do Brasil – fundamentado nos princípios da participação democrática e autogestão, e que teve impactos sobre a vida e as relações de trabalho dos jogadores nos clubes e, de forma mais ampla, para a vida política do país.

Nesse sentido, usamos como fundamentação teórica dessa pesquisa o ensaio de Roberto DaMatta (1982) sobre a relação entre futebol e sociedade. O autor defende que o futebol não é um mero entretenimento ou um artifício político para enganar a população, mas um importante fenômeno social, com suas próprias regras, seus próprios dilemas, relevante para a sociedade tal qual a política e a economia. Nesse sentido, foi realizado um levantamento bibliográfico visando compreender melhor esse fenômeno – a Democracia Corinthiana – à luz de seus intérpretes, e quem sabe, assim, também abrir perspectivas para perceber a relação entre futebol e política nos dias de hoje.

2 FUTEBOL, SOCIEDADE E POLÍTICA NOS ANOS DA DITADURA MILITAR

Durante a ditadura, o Brasil vivenciou um período de repressão política, censura, e violação de direitos civis. A liberdade de expressão e a participação política eram severamente limitadas. No final dos anos 1970 e início dos anos 1980, surgiram movimentos sociais e políticos que começaram a desafiar o regime, clamando por maior abertura política e democratização. Entre esses, destacam-se os movimentos operários no ABC paulista e a campanha pelas Diretas Já. Dentro do contexto específico do futebol, podemos observar o papel multifacetado que ele desempenhava na vida política brasileira.

A música “De frente pro crime”, composta por Aldir Blanc e João Bosco, gravada pela primeira vez em 1975, retratava esse cenário:

Tá lá o corpo estendido no chão
Em vez de rosto, uma foto de um gol
Em vez de reza, uma praga de alguém
E um silencio servindo de amém

O bar mais perto depressa lotou
Malandro junto com trabalhador
Um homem subiu na mesa do bar
E fez discurso pra vereador

Há muitos episódios históricos em que o futebol se fez presente, sobretudo quando falamos sobre Ditadura e Redemocratização. Há uma certa memória histórica no Brasil que costuma entender o futebol, entre as décadas de 1960 e 1980, como uma espécie de “ópio do povo” ou “política do pão e circo”. O episódio mais referenciado, nesse sentido, é a Copa do Mundo de 1970, quando a seleção brasileira conquistou o título de tricampeão – sendo o primeiro país a levar para casa a Taça Jules Rimet. Por outro lado, nesse mesmo momento os órgãos de repressão intensificavam as suas perseguições, prisões, tortura. Muita gente teve que fugir, muita gente desapareceu, muita gente morreu.

Alguns autores têm evidenciado o futebol como uma ferramenta de controle social e propaganda do regime. Nessa perspectiva, ele faria parte dos esforços para a promoção de uma imagem positiva e ufanista de legitimação do regime e esforço de nacionalismo. Conforme Gianordoli-Nascimento, Mendes e Naiff (2014), os militares usaram o futebol, especialmente a seleção brasileira, para promover uma imagem positiva do regime tanto internamente quanto no exterior. As vitórias da seleção brasileira, particularmente as Copas do Mundo de 1970 e 1974, foram exploradas como símbolo de competência e sucesso do governo militar.

De acordo com os autores, o governo militar incentivou um nacionalismo exacerbado – o ufanismo – associando as conquistas esportivas à força e à grandeza da nação brasileira. A vitória na Copa do Mundo de 1970, no México, foi amplamente utilizada como uma prova do “milagre econômico” brasileiro e do sucesso do regime. Nessa esteira, a ditadura teria utilizado o futebol como uma

espécie de "ópio do povo", desviando a atenção da população das questões políticas e econômicas e das violações de direitos humanos. Grandes eventos esportivos eram vistos como oportunidades para entreter e distrair o público. A mídia, muitas vezes controlada ou censurada pelo governo, dava ampla cobertura ao futebol, minimizando as notícias sobre repressão política e problemas sociais.

Por outro lado, também temos autores que têm mostrado como se dava também, "nas quatro linhas do campo", a caracterização do futebol como veículo de resistência e expressão popular, elementos centrais da politização do esporte (Soares, 2023). O futebol passa a ser então um espaço de contestação. Alguns jogadores usaram sua posição de destaque para expressar suas opiniões contrárias ao regime. Sócrates, do Corinthians, é um exemplo notável. Ele, junto com outros jogadores da Democracia Corinthiana, promoveu a conscientização política e participou ativamente do movimento Diretas Já, que pedia eleições diretas para a presidência. Estádios de futebol e torcidas organizadas serviram, ocasionalmente, como espaços para manifestações políticas e protestos contra o regime. Embora a repressão fosse severa, o futebol oferecia uma plataforma visível para a expressão de descontentamento.

O futebol é um elemento importante de nossa cultura nacional. Nos jogos em que a seleção brasileira está competindo uma multidão de gente partilha um sentimento comum de pertencimento à pátria. Nesse sentido, como parte integral da cultura brasileira, ele se manteve como um espaço em que a identidade popular podia ser preservada e celebrada, independentemente das tentativas do regime de cooptá-lo. A paixão pelo futebol ajudava a criar uma sensação de comunidade e solidariedade entre os brasileiros, reforçando valores de resistência e luta por justiça (Plestch, 2017).

É um ritual, com o qual nos identificamos e somos identificados como brasileiros. Mas será que é justo reduzir todo esse sentimento a um simples "ópio", a um efeito da manipulação de uma elite política? De acordo com Roberto da Matta (1982), quando dizemos que o futebol, a música, o cinema, e outros fenômenos dessa ordem, é o "ópio do povo", estamos diminuindo a importância que a cultura tem na sociedade:

Primeiramente, é preciso relativizar o modo típico de estudar o domínio do “esporte”. Observo que quando estudamos o “esporte”, sempre o fazemos como se a esfera do “esporte” estivesse numa **relação de oposição** com a sociedade. Daí a equação esporte/sociedade como algo “natural”. Sabemos que o binômio esporte/sociedade faz parte de uma longa lista: natureza;/sociedade, ritual/sociedade, política/sociedade, economia/sociedade etc. Onde se indica uma clara relação de confronto, de determinação ou de redução entre os elementos situados em contraste.

(...) No caso do **futebol** e no caso da sociedade brasileira, postula-se frequentemente uma relação de mistificação entre os dois termos. O **futebol** é um ópio da sociedade brasileira, do mesmo modo que o domínio do econômico é sua base. Como se **futebol** e economia fossem realidades exógenas, que pudessem existir em isolamento da sociedade. Deste ângulo, o futebol é visto como um modo de desviar a atenção do povo brasileiro de outros problemas mais básicos. Se estivéssemos, porém, diante de um partido político ou de uma atividade econômica, a mesma equação poderia ser realizada, mas, com toda probabilidade, o cientista social teria mais cuidado em dizer que um certo partido é “um ópio do povo”, simplesmente porque na sua concepção de sociedade, a “política” (ou a “economia”) são coisas mais sérias e relevantes do que o “esporte”, ou o **futebol** (DaMatta, 1982, p.21-22).

Há nessa interpretação o entendimento de que o futebol seria uma coisa menor, sem a mesma importância do que está posto nas dimensões políticas e econômicas da sociedade. Resta saber se os trabalhadores, que passavam o dia na labuta, lutando para conquistar o salário do mês e gastá-lo no fim de semana, comprando cerveja e churrasco para assistir ao jogo de futebol, partilhava dessa mesma opinião. Nesse sentido, o autor continuava:

(...) Realmente, é fácil observar que todos os “ópios” são sempre aquilo que consideramos “atividades fáceis”, “dispensáveis”, “ilusórias”. Dimensões de nossa realidade social que não podem ter o mesmo valor do **trabalho** e/ou da **guerra**; estas sim, atividades “reais”, determinantes, finais e – por tudo isso – causativas. É porque temos tais concepções, que podemos situar **religião** como um **ópio**; o **trabalho** como uma necessidade, virtude e castigo; a **guerra** como uma obrigação e um dever, estabelecendo entre eles escalas de realidades diferenciadas. Assim, a devoção da religião seria menos importante do que a obrigação do trabalho e o dever da guerra (DaMatta, 1982, p.22).

Como marcos importantes desse período, a vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970 foi usada pelo regime como uma poderosa ferramenta de propaganda, mas isso não significa que o futebol seja um mero

“ópio do povo”. Se a ditadura promoveu o tricampeonato da seleção como um reflexo do sucesso do país sob o governo militar, isso não esvazia os muitos outros usos que foram feitos dessa mesma vitória – a que as pessoas que acompanham, torceram, vibraram, deram muitos sentidos. Nesse mesmo sentido, o movimento liderado por jogadores do Corinthians nos anos 1980 se tornou um símbolo de resistência contra a Ditadura, promovendo a participação democrática e apoiando a luta pela redemocratização do país. Em algumas ocasiões, as torcidas organizadas expressaram suas insatisfações com o regime, utilizando os estádios como espaços de resistência simbólica.

3 O CORINTHIANS DA CRISE AOS GOLS DE SÓCRATES

O Brasil ainda vivia a sua reabertura política em 1982. Algumas coisas já tinham mudado, a repressão arrefecera, os exilados retornaram, presos políticos foram soltos. Eram visíveis os impactos. Pela primeira vez desde o início do regime militar em 1964, haveria eleições diretas para governadores estaduais. Nesse cenário, alguns ares de democracia pairaram no Brasil, meses antes, no centro de treinamento do Sport Clube Corinthians Paulista, na Zona Leste de São Paulo, liderado por Sócrates e com o apoio de quase toda a direção do clube, inclusive do diretor de futebol, Adílson Monteiro Alves. Eles foram os pioneiros na derrubada dos costumes, mesmo que momentâneos, de ideias tão retrogradadas e paternalistas que dominam as diretorias dos clubes e todos os âmbitos dentro do futebol. Esse movimento recebeu o nome de Democracia Corinthiana.

Dentro dos clubes era alimentada a ideia de que os diretores podiam tudo por deter poder e os jogadores deveriam aceitar o que lhes era oferecido. Isso abria espaços para abusos de diversas formas. Sócrates não concordava com isso, muito pelo contrário. Ele queria ser dono de seu destino, ter o direito de fazer escolhas. Por sorte, ele era bom de bola, senão seria engolido pelo sistema, ainda mais naquela época. Dentro do Corinthians, as coisas não vinham bem há um certo tempo, mais precisamente, desde o fim dos anos 1950, quando o então presidente Alfredo Ignácio Trindade deu lugar a Vicente Matheus, eleito pela primeira vez em 1959. Mesmo com ele na presidência do clube as coisas

não melhoraram e o Corinthians estava longe de ser a potência que fora nos anos anteriores (Martins; Reis, 2017).

Dois anos depois, seu ex-aliado, Wadih Helu, derrota Matheus e fica na presidência do clube pelos dez anos seguintes, sempre com o rival tentando reaver seu cargo. Nas campanhas contra Wadih, Matheus sempre pregava a ideia contrária ao continuísmo e prometia, entre várias outras coisas, a volta de ganhos de títulos e o saneamento de finanças do clube. Em 1971, aproveitando o mal momento vivido pelo Corinthians nos campeonatos em que disputava, a chapa Revolução Corinthiana, de Vicente Matheus, se declarou mais uma vez contrária ao continuísmo e saiu vencedora. Porém, ele não assumiu a presidência do clube, ficou no cargo de vice-presidente e indicou o desconhecido Miguel Martinez para o maior cargo administrativo. Miguel foi um desastre no comando do time. O Sport Clube Corinthians Paulista agora, além de um desempenho muito ruim dentro de campo, também colecionava diversas dívidas (Martins; Reis, 2017).

Em 1972, diante da situação que se encontrava o clube, Matheus foi proclamado pelo Conselho Deliberativo, presidente do Corinthians. Ele chegou fazendo diversas promessas, falando que ia trazer títulos, pagar dívidas e até construir um estádio e devido o pouco tempo na presidência, ele teve um voto de confiança da torcida nas eleições presidenciais de 1973. Ele logo ajeitou a situação financeira do clube e o Corinthians voltou a protagonizar boas partidas e conseqüentemente sempre pintava nos topos das tabelas dos campeonatos em que disputava. Em 1974, voltou a disputar o Campeonato Paulista depois de dezessete anos, mas não conseguiu ser campeão o que resultou na crucificação de Rivelino por parte da torcida, cujo passe acabou sendo negociado logo em seguida. Porém, o jejum de títulos não afastava a torcida, pelo contrário, aproximava. Em 1976, 70 mil corinthianos invadiram o Rio de Janeiro para ver a semifinal do Campeonato Brasileiro contra o Fluminense no Maracanã e empurrado pela torcida, o clube paulista saiu finalista depois de uma emocionante disputa de pênaltis, mas na final o Corinthians perdeu para o Internacional de Porto Alegre (Martins; Reis, 2017).

Vicente Matheus acabou pegando gosto pelo poder e se candidatou e ganhou a eleição para a presidência inúmeras vezes entre 1979 e 1981 depois do fim do jejum de 22 anos em 1977, quando finalmente o Corinthians foi

campeão do Campeonato Paulista. Foi, então, em 1988 que o clube decidiu procurar reforços para o elenco depois de uma participação ruim no Campeonato Brasileiro no fim de 1977. No Botafogo de Ribeirão Preto estava se destacando um possível craque: Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira. O Doutor Sócrates. Procurado por muitos clubes – também conhecido da torcida como Magrão.

Magrão preferiu ficar no Botafogo de Ribeirão Preto até terminar a universidade de medicina e esse dia finalmente chegou. Entre os clubes interessados, o São Paulo estava com as negociações mais avançadas. Então foi aí que Vicente Matheus entrou em cena. Dois amigos corinthianos de Sócrates o procuraram e falaram sobre a negociação do jogador com o São Paulo que contava com o dinheiro de uma negociação com o Corinthians para conseguir comprar o Doutor. Vicente, então, com a ajuda de seu irmão, Isidoro, conseguiu reverter a situação e acabou levando o craque pro clube em que trabalhava como presidente (Martins; Reis, 2017).

Agora com os reforços, o Corinthians começou o Campeonato Paulista de 1978 com tudo, mas não foram campeões aquele ano. No ano seguinte, depois de algumas mudanças no elenco, o clube voltou a vencer o Campeonato Paulista. Já em 1980, Sócrates passou meses sem jogar devido a uma disputa salarial com Matheus. O Corinthians entrou em crise. No Campeonato Brasileiro, o time ficou longe de ser campeão, e no Paulistão, caiu nas semifinais para a Ponte Preta. E as coisas ficaram ainda piores no ano seguinte. 1981 é considerado um dos piores anos da história do Alvinegro do Parque São Jorge. O ano começa com a derrota para o Sporting de Portugal na disputa de um campeonato amistoso internacional em 13 de janeiro. Em seguida, veio o Campeonato Brasileiro, terminando em 26º lugar e, mesmo assim, o técnico Oswaldo Brandão permanecia, já que tinha o apoio do presidente (Martins; Reis, 2017).

Em meio a tudo isso, as eleições estavam prestes a acontecer para saber quem seria o presidente do clube nos próximos dois anos. Vicente Matheus não poderia tentar a reeleição devido a sua ocupação do cargo de maneira interrupta desde 1972, então ele teve a ideia de indicar Waldemar Pires. A intenção, de acordo com as autoras, era que ele funcionasse como espécie de fantoche de Matheus, que seria seu vice. Nesse momento, cresceu a pressão interna dentro

do Corinthians para mudar a ordem das coisas. Jogadores passaram a reivindicar uma posição mais assertiva do novo presidente, que resolveu então tomar as rédeas da situação.

Waldemar Pires não ia aceitar ser fantoche de Vicente Matheus. O presidente não só tomou posse de seu cargo com autonomia como passou a comandar o time de forma democrática. E assim, a abertura democrática dentro do clube teve seu total apoio logo após o desligamento do técnico Oswaldo Brandão por parte do novo presidente e a chegada de um dos principais rostos do movimento democrático dentro do Corinthians para a ocupação do cargo, Mário Travaglini. Assim nascia a Democracia Corinthiana.

4 BASES, PRINCÍPIOS E APRENDIZADOS DA DEMOCRACIA CORINTHIANA

A Democracia Corinthiana revolucionou a maneira como os clubes de futebol eram geridos no Brasil. Tradicionalmente, a estrutura dos clubes era hierárquica e autoritária, com decisões tomadas por dirigentes e técnicos sem consulta aos jogadores. A abordagem democrática do Corinthians trouxe uma nova dinâmica ao esporte, mostrando que a gestão participativa poderia levar ao sucesso. Durante o período da Democracia Corinthiana, o clube conquistou dois Campeonatos Paulistas (1982 e 1983).

O movimento foi baseado em princípios de igualdade, participação e transparência. Algumas das práticas incluíam o voto igualitário, em que todos os membros do clube, independentemente de sua função, tinham um voto igual nas decisões. As discussões abertas, ou seja, as reuniões e discussões eram abertas e todos podiam expressar suas opiniões e a responsabilidade coletiva, onde as decisões eram tomadas coletivamente, e todos eram responsáveis pelos resultados (Dos Reis; Martins, 2014).

Em sua autobiografia, Sócrates (2002) explica que o modelo de autogestão no caso do Clube Corinthians emergia como um modelo de organização em que todos os membros da instituição participam de forma igualitária na tomada de decisões, sem a presença de uma hierarquia centralizada. Baseando-se no exemplo da Democracia Corinthiana, o autor

caracteriza a autogestão através das práticas específicas adotadas pelo clube durante o início dos anos 1980.

Esses princípios se explicitam principalmente a partir da participação democrática, da igualdade de voto, da transparência e da comunicação aberta, além da responsabilidade compartilhada. Todos os membros do clube – jogadores, comissão técnica e funcionários – tinham voz nas decisões importantes, como escalações, contratações e diretrizes administrativas. Isso garantia que as decisões refletissem a vontade coletiva. Cada membro tinha direito a um voto nas decisões, independentemente de sua posição ou *status*. Isso eliminava a hierarquia tradicional, na qual geralmente as decisões eram tomadas exclusivamente pelos dirigentes. As discussões e deliberações eram realizadas em reuniões em que todos podiam expressar suas opiniões livremente. A transparência das decisões era fundamental para garantir a confiança e o alinhamento entre os membros. As decisões tomadas coletivamente implicavam em responsabilidade compartilhada pelos resultados, promovendo um senso de unidade e solidariedade. Todos eram responsáveis pelo sucesso ou fracasso das decisões tomadas.

Concretamente, na perspectiva de Sócrates Brasileiro (2002), esse modelo se evidenciava na própria maneira como o cotidiano dos jogadores e da equipe e da relação com suas torcidas, passava a ser exercido. As reuniões eram realizadas regularmente para discutir todas as questões relevantes do clube. Nessas reuniões, cada participante tinha a oportunidade de apresentar suas opiniões e votar nas propostas. Isso incluía desde decisões sobre a administração do clube até a preparação e estratégias para os jogos.

Ao contrário dos modelos tradicionais em que o técnico decide sozinho, na Democracia Corinthiana, a escalação do time e as táticas de jogo eram decididas coletivamente. Jogadores e comissão técnica participavam ativamente das discussões sobre a melhor formação e estratégia para cada partida. As contratações de novos jogadores e desligamentos também eram decididas de forma participativa. Todos os membros do clube discutiam e votavam sobre as possíveis contratações, levando em consideração o impacto no time e no ambiente do clube.

No tocante à gestão financeira, embora ainda seguisse diretrizes administrativas, as principais decisões financeiras que afetavam diretamente o

grupo, como bônus, premiações e investimentos, eram debatidas e aprovadas coletivamente. Um dos exemplos é a eleição de Sócrates, que foi escolhido como capitão não por decisão unilateral do técnico, mas por consenso do grupo, refletindo a liderança natural que ele exercia dentro do modelo de autogestão. A decisão de apoiar movimentos políticos como o Diretas Já também foi tomada coletivamente, com o clube atuando como um todo unido em questões além do futebol.

O modelo de autogestão nas empresas é atualmente um dos modelos que mais são capazes de responder às demandas coletivas até os dias atuais, sendo parte de um movimento de renovação e de reinvenção das organizações conforme Frederic Laloux (2017). Esse modelo emerge justamente a partir de um grau elevado de maturidade organizacional e dentro de um processo evolutivo que caracteriza o tipo de relação e de mentalidades que fazem parte daquele coletivo, alinhado a princípios de decisões democráticas e horizontais.

Entre os benefícios desse modelo de organização para o clube está um maior engajamento e motivação, na medida em que os membros do clube sabiam que suas opiniões e votos tinham impacto direto nas decisões do presente e do futuro. A coesão e a responsabilidade compartilhada, na medida em que esses aspectos fomentam um espírito de equipe mais forte e coeso. Todos trabalhavam juntos para alcançar os objetivos comuns, fortalecendo os laços internos. A participação coletiva trouxe diversas perspectivas e ideias inovadoras, permitindo ao clube se adaptar rapidamente às mudanças e desafios.

Ainda de acordo com Frederic Laloux (2017), embora a gestão compartilhada, ou autogestão, ofereça muitos benefícios, ela também apresenta alguns desafios e limitações que precisam ser considerados. A experiência da Democracia Corinthiana e outros exemplos de gestão participativa destacam tanto as vantagens quanto os possíveis obstáculos desse modelo.

Tomar decisões de forma coletiva pode ser um processo mais lento e complexo do que em uma estrutura hierárquica em que poucas pessoas tomam decisões rapidamente. Na Democracia Corinthiana, as reuniões frequentes para discutir todas as questões do clube, desde a escalação do time até contratações, podiam se tornar longas e exaustivas. Isso exigia muito tempo e esforço dos participantes. Outro aspecto desafiador é no tocante a diversidade de opiniões e

mediação de conflitos. A diversidade de opiniões e interesses pode levar a conflitos internos e dificuldades para alcançar um consenso. Em um modelo de gestão compartilhada, é comum haver desacordos que podem atrasar ou até paralisar a tomada de decisões. Jogadores e membros da comissão técnica do Corinthians poderiam ter diferentes visões sobre a melhor estratégia ou a escalação ideal, levando a debates intensos e, às vezes, conflitantes.

Embora o objetivo seja uma participação igualitária, na prática, algumas vozes podem se sobressair sobre outras devido a carisma, influência ou experiência, resultando em uma distribuição desigual de poder e influência. Líderes carismáticos como Sócrates tinham uma influência natural que, embora positiva em muitos aspectos, poderia resultar em uma concentração de poder e influência, mesmo em um modelo de gestão teoricamente igualitário, tanto que o seu nome aparece quase que de forma unânime em todos os estudos revisados.

Quanto à eficiência e a eficácia do modelo sobre os resultados, a necessidade de consenso e a participação de todos os membros nas decisões podem, às vezes, comprometer a eficiência e eficácia operacional. As decisões podem ser menos ágeis e as ações menos decisivas. Em situações que requerem decisões rápidas, como mudanças táticas durante uma partida ou respostas a crises internas, a necessidade de debate e consenso pode retardar a ação imediata, o que exige um alto grau de planejamento e de previsibilidade, o que reforça a desmistificação do modelo de autogestão, conforme apontado por Laloux (2017), como um modelo em que não pode ser confundido com organizações do tipo *laissez-faire*.

Objetivamente há desafios na sua implementação no contexto dos clubes de maneira geral. Implementar e manter um sistema de gestão compartilhada pode ser desafiador, especialmente em organizações grandes e complexas. A manutenção de um nível alto de engajamento e participação contínua pode ser difícil a longo prazo, haja vista que na atualidade, há uma alta rotatividade de jogadores, técnicos e demais profissionais, no contexto de polarização e do potencial dos clubes de capitalizar recursos financeiros de grandes marcas.

Esses aspectos ameaçam justamente a sustentabilidade do modelo de autogestão. Manter a Democracia Corinthiana exigia um compromisso contínuo e energia dos jogadores e membros do clube, o que pode ser difícil de sustentar

ao longo do tempo, especialmente durante períodos de crise ou desempenho esportivo insatisfatório. Em um ambiente de gestão compartilhada, há também o risco de formação de facções ou grupos dentro da organização que podem polarizar a tomada de decisões e criar divisões internas, a exemplo dos diferentes grupos dentro do clube, como jogadores mais experientes versus jogadores mais jovens, poderiam formar blocos de poder que dificultariam a obtenção de um consenso amplo.

Em suma, a gestão compartilhada, exemplificada pela Democracia Corinthiana, oferece muitos benefícios, incluindo maior engajamento, transparência e responsabilidade compartilhada. No entanto, também apresenta desafios significativos, como complexidade na tomada de decisões, conflitos internos, desigualdade de participação e dificuldades de implementação e sustentabilidade.

Para mitigar esses desafios, é essencial estabelecer processos claros, promover uma cultura de respeito e cooperação, e estar disposto a adaptar e evoluir o modelo conforme necessário (Laloux, 2017). A experiência da Democracia Corinthiana mostra que, embora a gestão compartilhada tenha seus limites, com o compromisso e a colaboração adequada, esses obstáculos podem ser superados para criar um ambiente mais democrático e inclusivo.

Para além das questões estéticas do modelo organizacional adotado, o principal destaque se dá no aspecto da politização do esporte, ou seja, no reconhecimento de que a atividade esportiva poderia naquele contexto de exceção e de restrição das liberdades, inclusive de associação e de agremiação, mobilizar massas e formar a partir das arenas e trincheiras para enfrentamento da repressão política, uma vez que o próprio esporte nacional era um catalisador, um elemento de manipulação discursiva (Rodrigues, 2021).

Quanto ao significado do Movimento de Democracia Corinthiana para o restabelecimento das condições de liberdade de expressão e de participação política no Brasil, Felipe Procópio da Silva (2011) afirma que seu significado vai além do âmbito esportivo, influenciando a política e a sociedade brasileira durante um período crucial de redemocratização. Surgido em um contexto de repressão política e censura, o movimento proporciona um modelo alternativo de gestão baseado na participação democrática e na igualdade e foi capaz de inspirar outros movimentos, ou seja, serviu como inspiração para outras

organizações e setores da sociedade brasileira que também buscavam maior participação democrática e transparência.

Ao adotar práticas democráticas internas, o Corinthians desafiou diretamente a cultura autoritária predominante na época, demonstrando que era possível implementar a democracia em diferentes esferas da vida social e institucional. Vinicius Rodrigues (2021) elenca um conjunto de movimentos que se coadunaram nesse período à luta pela liberdade e pela redemocratização no Brasil durante a ditadura militar. Na análise do autor, representou um esforço coletivo que envolveu uma ampla gama de movimentos sociais, sindicais, estudantis, de direitos humanos, feministas, negros e políticos. A Democracia Corinthiana se alinhou com esses movimentos, simbolizando a resistência e a luta pela participação democrática em todas as esferas da sociedade. Juntos, esses movimentos criaram uma frente ampla que desafiou o regime autoritário e pavimentou o caminho para o retorno da democracia no Brasil.

Ao adotar práticas democráticas internas, o Corinthians desafiou diretamente a cultura autoritária predominante na época, demonstrando que era possível implementar a democracia em diferentes esferas da vida social e institucional. Os jogadores do Corinthians, liderados por figuras como Sócrates, Casagrande e Wladimir, usaram sua visibilidade para promover a conscientização política e apoiar movimentos sociais e políticos pela redemocratização e participaram ativamente da campanha Diretas Já, que pedia eleições diretas para presidente, ajudando a mobilizar a população e a pressionar o governo militar (Rodrigues, 2021).

Entre os muitos episódios em que os jogadores utilizaram o seu prestígio popular e o próprio fazer da administração do seu time a favor de uma ideologia democrática, podemos citar a insatisfação de Sócrates com o não-posicionamento do Sindicato dos Jogadores durante a Greve Geral dos Trabalhadores de 1983, a convocação para que toda a população participasse das eleições para o governo do estado de São Paulo em 1982 e declarando, em 1984, apoio à Emenda Constitucional Dante de Oliveira, que se aprovada tornaria possível a realização de eleições diretas para presidente da República. Vemos, assim, como os assuntos de futebol e política foram tratados, lado a lado, na construção desse movimento – ou desse momento – que ficou conhecido como Democracia Corinthiana.

Figura 2: Sócrates em campo com a mensagem estampada na camisa



Fonte: Portal Meu Timão

Figura 3: Capa da Revista Placar, com Sócrates



Fonte: Portal Observatório da Ditadura

O legado da Democracia Corinthiana vai além de seu impacto imediato, influenciando gerações futuras e contribuindo para o fortalecimento da democracia no Brasil, conforme explicita Mariana Zuaneti Martins e Heloisa Helena Baldy dos Reis (2014). O movimento deixou um legado duradouro de participação democrática e autogestão que continua a influenciar a cultura política e social brasileira, haja vista a publicação recente e atual de análises e estudos sobre a temática, em um contexto atual de ameaças à democracia em escala nacional e mundial, com o surgimento de correntes de tendências políticas fascistas e conservadoras, impulsionadas pela crise do capital e esgarçamento do modelo produtivo capitalista que acirra as desigualdades e monopoliza as decisões a partir dos interesses das nações com maior concentração de meios de imposição ideológica.

Nesse contexto, a Democracia Corinthiana é frequentemente lembrada como um exemplo de como o esporte pode ser um poderoso veículo de transformação social e política. O movimento mostrou que, mesmo em tempos de repressão, é possível cultivar e promover a democracia de forma prática e significativa, deixando um exemplo poderoso de como os valores democráticos podem ser implementados e defendidos, mesmo em ambientes inesperados como o esporte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jacyane Souza e Amanda Braga (2021) problematizam a bandeira brasileira enquanto enunciado que narra uma identidade cultural nacional na mesma medida em que, mediante seu trânsito entre o cenário político e o cenário esportivo, apresenta-se enquanto signo de uma ruptura. O esporte ainda continua a desempenhar um papel significativo na coesão social, proporcionando um terreno comum em que as pessoas podem se reunir, compartilhar experiências e criar laços comunitários. Para as autoras, assim como em outras esferas da sociedade, o esporte também reflete as divisões e polarizações existentes.

O mundo atual é marcado por grandes desafios políticos e sociais, como a promoção da diversidade e da inclusão. Fatos recentes de racismo no esporte têm vindo à tona, assim como agressão à liberdade sexual, de gênero e ataques

xenofóbicos. Essas são expressões do conflito e da questão social de maneira mais ampla, no entanto o esporte pode unir pessoas de diferentes origens, culturas, etnias e classes sociais em torno de um objetivo comum.

Nas comunidades, o esporte é frequentemente utilizado como uma ferramenta para promover o desenvolvimento comunitário, especialmente em áreas desfavorecidas, aonde sequer chegam as políticas públicas. Programas esportivos podem fornecer oportunidades de educação, emprego e integração social, fortalecendo o tecido social dessas comunidades. O esporte é uma fonte de orgulho e identidade para muitas comunidades e nações, proporcionando um senso de pertencimento e coesão, elementos que podem ser utilizados para criar um senso de participação coletiva.

No entanto, o esporte muitas vezes se torna um terreno para expressões políticas e ideológicas, refletindo as divisões e polarizações da sociedade. Questões como racismo, sexismo, homofobia e desigualdade econômica podem se manifestar no contexto esportivo, gerando debates acalorados e divisões que em suma, são potencializados pela força coletiva das torcidas e poder de mobilização das massas, objeto de análise da Psicologia do Esporte (Rubio, 2003) e das ciências sociais.

Dessa forma, as rivalidades entre equipes e torcidas podem alimentar animosidades e divisões, muitas vezes levando a confrontos e violência, quando não são expressões diretas dos nossos conflitos sociais em um país de múltiplas expressões culturais e de identidade de origem, religiosa, sexual e política. Outro aspecto diretamente vinculado ao sistema capitalista é a comercialização do esporte, o pode amplificar as desigualdades, criando divisões entre os clubes ou atletas mais ricos e os menos privilegiados. A concentração de recursos e talentos em poucas equipes ou países pode aprofundar as disparidades e gerar ressentimentos entre os diferentes segmentos da sociedade.

Desse modo, à guisa de conclusão, resgatar o histórico de um movimento emergido no esporte em um contexto de restrição de liberdades e prospectar o mesmo para um movimento de organização que leva em conta os princípios de autogestão, impõe-nos a difícil tarefa de ampliar esse olhar para as contradições profundas e os desafios sociais e políticos, dos quais, o esporte como elemento importante da cultura brasileira não pode ser deixado de fora.

O esporte possui um potencial extraordinário para promover a coesão social e fortalecer os laços comunitários, mas também reflete as divisões e polarizações existentes na sociedade. Ao reconhecer e abordar essas complexidades, é possível maximizar os benefícios do esporte como uma força positiva para o desenvolvimento social e a construção de um mundo mais inclusivo e tolerante.

REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, Sócrates et al. *Democracia Corinthiana: a utopia em jogo*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto et al. *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakoteche, 1982.

GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria; MENDES, Bárbara Gonçalves; NAIFF, Denis Giovanni Monteiro. "Salve a seleção": ditadura militar e intervenções políticas no país do futebol. *Psicologia e Saber Social*, v. 3, n. 1, p. 143-153, 2014.

LALOUX, Frederic. *Reinventando as organizações*. Curitiba: Doyen, 2017.

LASSO, Ted (Produtor). "Fala específica mencionada". In: Ted Lasso. Produção de Bill Lawrence, Jason Sudeikis, Brendan Hunt, Joe Kelly. [S.l.]: Apple TV+, 2023. Episódio 10, temporada 3. 45min31s-48min09s.

MARTINS, Mariana Zuaneti; DOS REIS, Heloisa Helena Baldy. Significados de democracia para os sujeitos da Democracia Corinthiana. *Movimento*, p. 81-101, 2014.

MARTINS, Mariana Zuaneti; DOS REIS, Heloisa Helena Baldy. *A Democracia Corinthiana: futebol e política*. Porto Alegre: Simplíssimo, 2017.

PLETSCH, Leandro. Resistência e consciência na ponta da chuteira: futebol e ditadura nas páginas da Placar no período de 1982 a 1984. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal da Fronteira Sul. Erechim, 2017.

RODRIGUES, Vinícius Soares. *O futebol como instrumento político durante a Ditadura Militar*. Monografia (Graduação em Jornalismo). Centro Universitário do Sul de Minas. Varginha, 2021.

RUBIO, Katia. *Psicologia do esporte aplicada*. Belo Horizonte: Casa do Psicólogo, 2003.

SILVA, Felipe Procópio da et al. Influência do movimento democrático no Corinthians e os reflexos no futebol e no momento político do Brasil. *EFDeportes.com – Revista Digital*. Buenos Aires, v. 16, n. 158, 2011.

SOARES, Pâmela Camargo. Sport Club Corinthians Paulista: identidade e politização de um clube de futebol. *Ars Historica*, n. 26, p. 74-91, 2023.

SOUSA, Jacyane Dantas; BRAGA, Amanda Batista. Da política e do esporte: a bandeira brasileira e as rupturas discursivas da identidade nacional. *Entrepalavras*, v. 11, n. 2, p. 1-21, 2021.